

# A CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE EM GEOGRAFIA: RELATO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO FUNDAMENTAL<sup>1</sup>

Matheus Silva Fernandes<sup>2</sup>

Gustavo Kohn Ávila<sup>3</sup>

## RESUMO

Este resumo de experiência pessoal tem como objetivo analisar e refletir sobre a experiência no estágio supervisionado em Geografia, realizado em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental, em uma escola estadual de Porto Alegre (RS). Destaco os principais aprendizados, desafios e percepções que construí ao longo deste processo. Ao longo das três semanas iniciais de observação, o objetivo foi conhecer melhor a dinâmica da turma e compreender seu ritmo. A turma era composta por 21 alunos com facilidade de compreensão de conceitos geográficos e letramento cartográfico, mas dificuldade em lidar com atividades mais abertas. A partir dessas observações, foi elaborado, junto a meu colega de docência compartilhada e com auxílio das professoras orientadoras da UFRGS, planos de aula que visavam abordar os conteúdos de hidrologia, climas e relevo de forma crítica. Buscamos relacionar os conteúdos à realidade dos estudantes, especialmente às enchentes de 2024, ainda recentes na vivência dos alunos. Ao longo das regências, vivenciei dificuldades típicas de quem está começando, como nervosismo ao conduzir a aula, dificuldade no manejo do tempo e na clareza dos enunciados das atividades. Em alguns momentos, as propostas funcionaram melhor, como na aula sobre clima, em que foi realizada uma observação no pátio da escola, o que gerou envolvimento por parte da turma. Em outros, identificou-se que o tempo poderia ter sido melhor organizado e a exposição feita com mais objetividade do que se esperava dos alunos. Quanto às dificuldades que enfrentamos, buscamos refletir e nos debruçar na carga teórica disponível da cadeira para elaborarmos estratégias de resolução dos desentendimentos que surgiram, como sugere Pimenta (2002) ao refletir sobre a postura do professor contemporâneo. Concluo, então, que o estágio foi fundamental para minha formação, pois me permitiu errar, refletir, ajustar e compreender que me formar professor é um processo em eterna construção

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado. Ensino de Geografia. Prática Docente. Ensino Fundamental.

## INTRODUÇÃO

Este resumo de experiência pessoal tem como objetivo analisar e refletir sobre a experiência no estágio supervisionado em Geografia, realizado em uma turma de 7º ano do

1 Graduando do Curso de **Geografia** da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, mthsilvaf@hotmail.com;

2 Graduado pelo Curso de **Geografia** da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, gustavokohnavila@gmail.com

3 Artigo resultante das atividades do Estágio Supervisionado em Geografia I, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).



Ensino Fundamental, em uma escola estadual de Porto Alegre (RS). Destacamos os principais aprendizados, desafios e percepções que construímos ao longo deste processo. Ao longo das três semanas iniciais de observação, nosso objetivo foi conhecer melhor a dinâmica da turma 72 e compreender seu ritmo. A partir dessas observações, foi elaborado, em conjunto do colega de docência compartilhada e com auxílio das professoras orientadoras da UFRGS, planos de aula que visavam abordar os conteúdos de hidrologia, climas e relevo de forma crítica através do material teórico que foi abordado nas aulas do Estágio I em Geografia. Buscamos relacionar os conteúdos à realidade dos estudantes, especialmente às enchentes de 2024, ainda recentes na vivência dos alunos. Ao longo das regências, vivenciamos dificuldades típicas de quem está começando, como nervosismo ao conduzir a aula, dificuldade no manejo do tempo e na clareza dos enunciados das atividades. Em alguns momentos, as propostas tiveram melhor êxito, como na aula sobre clima, em que foi realizada uma observação no pátio da escola, o que gerou envolvimento por parte da turma. Em outros, identificamos que o tempo poderia ter sido melhor organizado e a exposição feita com mais objetividade do que se esperava dos alunos. Quanto às dificuldades que enfrentamos, buscamos refletir e nos debruçar na carga teórica disponível da cadeira, além do diálogo desenvolvido com as professoras orientadoras do estágio para elaborarmos estratégias de resolução dos desentendimentos que surgiram, como sugere Pimenta (2002) ao refletir sobre a postura do professor contemporâneo frente ao debate sobre a práxis e o papel do professor-pesquisador. Concluímos, então, que o estágio foi fundamental para nossa formação, pois nos permitiu errar, refletir, ajustar e compreender que formar-se professor é um processo em eterna construção.

## **METODOLOGIA**

A experiência relatada foi desenvolvida em conjunto no formato de docência compartilhada no curso de graduação em Licenciatura em Geografia, no segundo semestre letivo de 2025, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Ildefonso Gomes, localizada no bairro Azenha de Porto Alegre, uma região central da cidade. As atividades do estágio foram desenvolvidas em três etapas principais: investigação e observação, planejamento e regência, e análise crítica da experiência. Ressaltamos que todas as etapas tiveram uma carga teórica em sala de aula durante o período letivo do Estágio Supervisionado em Geografia I, anteriormente a ida a escola, teorias estas compreendidas como essenciais a nós para a prática que a prosseguiu. A primeira etapa, a observação, ocorreu ao longo de três semanas, durante



as quais foram realizadas um campo investigativo à escola para reconhecimento do espaço físico, da organização institucional e do contexto social do entorno. Também houve uma entrevista com o professor regente da turma e diálogo com a vice-diretora da escola buscando compreender as dinâmicas desse espaço escolar. Realizamos também observações sistemáticas das aulas, com o objetivo de compreender a turma e os alunos que a compunham, quais as metodologias e atividades utilizadas pelo professor que estava nos recebendo e a interação entre os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem durante este curto período de observação.

A fase de planejamento envolveu a elaboração de planos de aula, construídos com diálogo inicial com o professor supervisor, que nos permitiu autonomia para darmos continuidade com o semestre, e também com as professoras orientadoras da universidade que auxiliaram na realização de planos com apontamentos e auxílio na elaboração de ideias. As regências foram realizadas em seis encontros, nos quais foram abordados temas como recursos hídricos, bacias hidrográficas, vegetação do Rio Grande do Sul e clima. As atividades incluíram o uso de materiais como o livro didático, mapas, debates, saída de campo e uma adaptação a uma atividade escolar não prevista (Semana das Nações). A metodologia de trabalho privilegiou especialmente uma lente crítica a relação dos conteúdos abordados em sala de aula com a realidade dos alunos e o entorno no qual estes vivem, pensado tanto para o espaço escolar e onde este está inserido, quanto nos espaços e lugares que estes alunos vivenciavam seus cotidianos, utilizando o exemplo das enchentes de 2024 como fio condutor para discussões sobre cidadania, gestão dos recursos naturais e a importância de questionar o porquê dos desastres ocasionados pela crise climática.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A prática de estágio foi fundamentada em autores trabalhados dentro da sala de aula que discutem a especificidade da Geografia escolar e a formação do professor, bem como reflexão sobre o que é a prática docente e como ela é entendida pelas diferentes referências e autores. Para compreender os desafios do estágio e a construção da identidade docente, foram fundamentais as reflexões de Kaercher e Tonini (2017), que problematizam a postura do estagiário diante da sala de aula, alertando contra a pretensão de "libertar" os alunos, trazendo reflexões sobre as dificuldades encontradas por outros



colegas, que participaram do estágio supervisionado em Geografia posteriormente a nós. Os autores convidam a uma postura mais empática e aberta ao diálogo, reconhecendo os limites e as potencialidades do papel do professor. As dificuldades inerentes ao estágio, como o "susto" diante da realidade escolar e a gestão do tempo, foram analisadas com base em Pimenta e Lima (2018) e Passini (2013), que nos auxiliaram especialmente na questão da projeção e das expectativas dentro da escola e da sala de aula. Para construir uma aula com uma *práxis* que faça sentido para os alunos e, ao mesmo tempo, para o conteúdo curricular que a Geografia estará abordando, fomos orientados pelo capítulo de Nunes e Costella (2021) que abordam a importância de compreender quem está sendo educado. Ao mesmo tempo, Uberti (2018) e Luckesi (2010) embasam a importância do planejamento para a prática completa do docente. Por fim, para refletirmos nossa *práxis* em conjunto com o material teórico e didático do Estágio, consultamos Pimenta (2002) que aborda o papel do professor reflexivo e defende a necessidade da pesquisa teórica junto a reflexão da prática.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo do estágio iniciou-se na sala de aula, com os encontros teóricos guiados pelas professoras orientadoras do estágio, em formato idêntico ao que praticamos posteriormente dentro da escola. Inicialmente, desenvolvemos debates e reflexões sobre os autores presentes no referencial teórico, abordamos, em primeiro momento, as perspectiva de Passini (2013) sobre o estágio enquanto parceria da escola de ensino básico e da universidade, e Marques (2013) sobre o espaço escolar e o lugar dele dentro da sociedade e o que ela reproduz, o que remete a concepção de Bourdieu e Passeron (1975) de que a escola é um espaço de manutenção primário do sistema capitalista. Estes encontros foram basilares para o desenvolvimento pleno da prática do estágio I, e sem eles certamente não teríamos alcançado as mesmas reflexões desenvolvidas ao longo de toda a regência que ocorreu posteriormente. Vale ressaltar que a carga teórica do estágio aconteceu, em parte, concomitantemente às observações e a investigação do espaço escolar, que abordaremos no próximo tópico, assim como, também importante pontuarmos, que não se encerrou após os encontros iniciais em sala de aula.

### 4.1 Investigação e Observação: A Escola e a turma 72

A primeira etapa do estágio I fora da sala de aula, foi a de realizar uma investigação detalhada do espaço escolar e seu entorno, fomos então a campo, conhecer o espaço escolar e



onde ela está inserida. A escola está localizada em uma área central de Porto Alegre, caracterizada por uma intensa dinâmica urbana, com presença de comércios, serviços e proximidade com pontos de referência como o Shopping João Pessoa, o Hospital de Clínicas e o Parque Farroupilha (Redenção). Essa localização privilegiada, com grande diversidade de transporte público, atrai alunos de diversas regiões da cidade, o que torna os alunos, bem como a turma que fomos regentes, um grupo heterogêneo em termos de território de origem e experiências de vida. A observação da estrutura física da escola revelou aspectos que vão além da sua materialidade, e destacamos aqui o espaço no qual ela está inserida. O bairro Azenha tem aproximadamente 13800 moradores, destes, 24% jovens e crianças, com renda baixa-média (PROCEMPA). Um ponto importante a ressaltar aqui, é a presença de grades e portões eletrônicos na entrada da escola, criando "obstáculos" para transitar dentro do espaço escolar, novamente retomando a reflexão abordada pela discussão de Bourdieu e Passeron (1975) de que a escola serve para reproduzir a cultura dominante e a cultura do dominado, o que suscitou reflexões que debatemos em uma das aulas do Estágio com nossos colegas e professores sobre esta relação da escola. Internamente, destacou-se a organização da escola, onde cada professor possui sua sala de aula, o que contribui para uma maior apropriação do espaço e um ambiente mais estável para o trabalho pedagógico, algo que vemos como muito positivo para a prática docente.

A entrevista com o professor supervisor, regente das disciplinas de Geografia, Arte e História, revelou uma prática docente alinhada a princípios freirianos, onde o diálogo e o estabelecimento de vínculos são centrais. Sua ênfase no uso de mapas e no livro didático como ferramentas para o desenvolvimento de habilidades cartográficas e de leitura do mundo foi um ponto relevante observado, e que levamos em consideração tanto no planejamento quanto na prática das aulas. Compreendemos um posicionamento que consideramos "Freiriano" do professor, pois várias das colocações dele sobre compreender o aluno e como este trabalhava com eles, nos remeteram a Freire (1996) nas colocações que o professor compreendia o espaço como de diálogo e construção coletiva, ao mesmo tempo que ele era a autoridade e tinha um dever ético sobre aquela turma. Sobre as observações da turma 72, era uma turma composta por 21 alunos, com uma dinâmica cooperativa e interessada em atividades práticas, embora um pouco agitada e mais relutante para agir de forma autônoma, algo que já esperávamos para o 7º ano e, novamente, levamos em consideração para o futuro. Observamos uma aula de topografia do Rio Grande do Sul, que foi utilizado do livro didático como ponto inicial para ampliar um debate sobre os tipos de relevo, abordagem que



reconhecemos do texto de Tonini et al (2017) sobre a potência do livro didático quando utilizado corretamente. Neste debate, o professor desenvolveu uma atividade subsequente para a aula seguinte, trabalhando no desenvolvimento de um mapa no caderno a partir do livro didático. Por fim, participamos de uma terceira observação na qual os alunos participaram de uma atividade da semana da revolução Farroupilha. Compreendemos o período de observação como um espaço importante não só para conhecer os alunos que compõem a turma, mas como um ponto de partida para o começo da elaboração dos planejamentos e dos planos de aula, pois é através deste primeiro contato que temos a possibilidade de refletir nossas concepções teóricas sobre a docência, pois Segundo Luckesi (2011) a prática docente deve ser analisada de forma crítica de forma que articule nosso saber teórico com a prática educacional.

#### 4.2 A Experiência da Regência: Desafios e Aprendizados

A regência em sala de aula ocorreu uma semana após as três observações, e foi o momento de colocar em prática o planejamento construído com base nas observações e diálogos nas orientações providas pelas professoras do estágio I. A primeira aula, abordava sobre recursos hídricos e as regiões hidrográficas do país, e foi marcada por um misto de expectativa e desafio, o nervosismo inicial foi um obstáculo, tal qual já tínhamos lido relatos no texto de Kaercher e Tonini (2017), no qual os autores apresentam as perspectivas dos estagiários e comentam sobre especificidades deste estágio inicial em Geografia. Apesar disto, o debate sobre um evento tão próximo da realidade dos alunos (das enchentes de Abril e Março de 2024) mostrou-se uma estratégia eficaz para engajar os alunos em uma questão disparadora que visava refletir sobre a relação das enchentes com os recursos hídricos e as regiões hidrográficas do país. No entanto, a atividade final, que pedia para os alunos escreverem ideias para proteger a cidade de futuras enchentes, revelou uma falha de comunicação. A dificuldade dos alunos em compreender o comando da atividade reforçou a reflexão de Passini (2007) sobre a necessidade de clareza nas instruções.

A segunda aula, que deu continuidade ao tema das enchentes e introduziu a distribuição desigual da água no Brasil, foi mais fluida. Refletimos em conjunto com as professoras do estágio quais estratégias deveriam abordar com os discentes para sermos mais claros no que estes precisavam refletir sobre. Aqui destacamos a nossa concepção da importância do planejamento enquanto trabalho docente e dos estagiários, colocação está ressaltada por Uberti (2018) que defende a importância e a potência do planejamento como ato político e de



resistência contra o desmonte na profissão docente. Na sala de aula, houve a retomada de conceitos e a utilização de dados do IBGE para debater a discrepância entre a abundância de recursos hídricos na região Norte e a falta de saneamento foram pontos de destaque. A realização de um debate para explicar o maior consumo de água pelo agronegócio, em detrimento do uso urbano, foi uma abordagem que demonstrou a importância de mediar a construção do conhecimento, indo além da simples leitura de gráficos e utilização dos textos do livro didático, nos apropriamos do conteúdo e através dele geramos essa discussão plena que levantou questionamentos e reflexões por parte dos alunos, que questionaram também o saneamento do Lago Guaíba, em Porto Alegre.

A terceira aula, sobre a vegetação do Rio Grande do Sul, representou um marco na tentativa de articular conteúdos curriculares com uma discussão crítica sobre o espaço no qual os alunos estão acostumados a observar. Questionamos sobre o Pampa Gaúcho e sobre a vegetação presente no redor da escola, relacionando a isso, fizemos a leitura coletiva de um texto que abordava a especulação imobiliária na Mata da Restinga e seu impacto ambiental, que permitiu explorar as contradições do uso do solo urbano, alinhando-se à perspectiva de Nunes e Costella (2021) sobre trazer o conteúdo para o aluno, defendido também por Freire, ao considerar o conhecimento empírico e cultural do aluno, que estes estudantes não são agentes passivos da construção do seu conhecimento, mas o estão desenvolvendo ativamente em conjunto com os espaços nos quais estão inseridos. (Freire 1968, 1996) No entanto, o manejo do tempo, se mostrou um desafio, com os alunos completando a atividade de reflexão do conteúdo discutido, a aula terminou antes do previsto do plano, o que gerou dispersão entre os alunos, especialmente os que concluíram a atividade antes dos demais.. Esse episódio corroborou a afirmação de Passini (2007) de que a administração do tempo é uma das maiores dificuldades dos estagiários, e que nos fez refletir, posteriormente com as professoras orientadoras do estágio, sobre qual a postura a se adotar diante de tais acontecimentos. Acreditamos que faltou a postura de autoridade docente na nossa prática, algo que tentamos reforçar em todo o momento posterior a este encontro.

#### 4.3 Adaptações e Imprevistos: A Saída de Campo e a Semana das Nações

O estágio também foi marcado por imprevistos além dos que ocorreram dentro da sala de aula, que exigiram flexibilidade e capacidade de adaptação do planejamento frente a estes novos desafios. A saída de campo ao Parque Farroupilha, proposta pelo professor supervisor,



foi uma experiência rica em termos de convivência e observação da cidade, Nós entendemos a saída de campo como uma potência para refletir e compreender as articulações teóricas trabalhadas em sala de aula, como defende Farias (2019) ao conceitualizar a saída de campo enquanto potencial para o desenvolvimento didático na Geografia. No entanto, a ausência de um objetivo pedagógico mais estruturado, como um roteiro de observação geográfica, por exemplo, gerou uma reflexão crítica sobre a necessidade de que essas atividades sejam planejadas para além do momento de lazer, explorando conceitos como o direito à cidade, a privatização do espaço ou a história do lugar. Outro imprevisto significativo foi a substituição de uma das aulas de Geografia pela “Semana das Nações”, uma atividade de simulação da ONU. Em vez de simplesmente abandonarmos o planejamento, nós adaptamos à nova demanda, atuando como mediadores da pesquisa em um grupo interdisciplinar que deveria buscar por diversos dados espaciais, sociais e culturais do México e de Cuba. Tentamos aproveitar a experiência de trabalhar com alunos de diferentes anos para discutir temas como relevo, localização geográfica e imperialismo estadunidense na América Latina, a partir de um evento escolar, demonstrou a importância de reconhecer a escola como um espaço vivo e em constante mudança (Marques, 2013). Nós compreendemos ali a importância de planejar uma aula, e da dificuldade que é “improvisar” um assunto, quando este não está nos nossos planos.

A última regência da turma, que felizmente ocorreu em sala de aula, dentro dos planos e planejamentos desenvolvidos com as professoras, foi sobre o conteúdo de Clima, e sem dúvida, a mais exitosa. A combinação de uma atividade prática (observação do tempo meteorológico no pátio) com a sistematização dos conceitos em sala de aula, utilizando o livro didático como referência e abordagem inicial ao conteúdo que trabalhamos (Tonini; Goulart, 2017), resultou em uma compreensão mais sólida dos conteúdos. O uso do espaço externo da escola e a observação direta dos elementos do tempo foram fundamentais para que os alunos diferenciam o tempo do clima de forma significativa, que, ao nosso entendimento, resultou em uma atividade muito mais prazerosa para aos alunos do que apenas de observar o livro didático ou desenhar o que estavam vendo fora da janela. Não compreendemos essa prática como perfeita, porque certamente com mais carga teórica ou um estudo mais aprofundado de ensino de geografia e clima talvez teríamos chegado a conclusões diferentes sobre esta ou as demais atividades realizadas, mas compreendemos que este processo de reconhecimento das falhas e êxitos é importante para nossa formação inicial e continuada como professores, e que bom que temos estes apontamentos e acolhimentos, este feedback provido inicialmente pelas



professoras orientados e posteriormente pelos alunos que compunham a turma de nossa regência, pois é através deste que nos permitimos pensar no que fizemos, refletir e nos debruçar sobre o conhecimento coletivo disponível no campo da pedagogia e do ensino em Geografia, para, como defende Pimenta (2002) fazer a reflexão plena de nossa práxis enquanto professores que atuam para além da prática, mas na pesquisa, planejamento e análise desta, com objetivo de desenvolver sua docência de modo proveitoso para si e para seus alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento do Estágio I evidenciou a nós qual é a importância da articulação entre teoria e prática na formação inicial docente e posteriormente a isso, na nossa formação como docentes continuada pós graduação, demonstrou que a experiência em sala de aula constitui-se como um processo contínuo de reflexão e aprendizagem baseados também na teoria e na produção coletiva do conhecimento. Os encontros teóricos, aliados às observações da escola e da turma, foram fundamentais para compreendermos a realidade dos alunos, a dinâmica institucional e as práticas pedagógicas que funcionavam nesta turma. Esse processo permitiu-nos construir planejamentos mais coerentes e significativos para estes alunos, valorizando a realidade dos estudantes e reforçando a importância da observação como etapa essencial da formação docente e do próprio planejar. Durante a regência, os desafios que enfrentamos, como o nervosismo inicial, a gestão do tempo e a necessidade de adaptação frente a imprevistos, evidenciaram a complexidade do trabalho docente e a importância do planejamento e da flexibilidade diante do ambiente escolar, bem como a necessidade de refletir e pensar no que está sendo feito. Ao mesmo tempo, as atividades que dialogam com a realidade dos alunos e utilizaram metodologias mais participativas demonstraram a potência de uma prática pedagógica crítica e contextualizada. Assim, o estágio contribuiu para a construção da identidade docente, permitindo reconhecer limites e potencialidades da prática e reforçando a docência como um processo contínuo de reflexão, pesquisa e formação.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos às professoras orientadoras do Estágio Supervisionado em Geografia I e II Denise e Élide pelo companheirismo, auxílio, paciência e dedicação a nossa formação inicial, foi graças às professoras que conseguimos desenvolver uma experiência tão positiva dentro



deste primeiro estágio. Agradecemos também a Professora e Vice-diretora Mari pelo acolhimento dentro da escola, e a turma 72 por terem nos ajudado a nos constituirmos e compreendermos como docentes de Geografia.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução de Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- FARIAS, Paulo Sérgio Cunha. A geografia escolar crítica e a formação para a cidadania. Revista Geosertões. Vol. 5, nº 10, jun./dez. 2020. Disponível em:  
<https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoes/article/view/1649>
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KAERCHER, Nestor André; TONINI, Ivaine Maria. Estágios supervisionados em Geografia: práticas e reflexões. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2011.
- MARQUES, Marta Inez Medeiros. O espaço escolar e sua função social. São Paulo: Contexto, 2013.
- NUNES, Flaviana Gasparotti; COSTELLA, Roselane Zordan. Ensino de Geografia e práticas pedagógicas. Porto Alegre: Evangraf, 2021.
- PASSINI, Elza Yasuko. PASSINI, Romão. MALYSZ, Sandra T. (Org). Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado. São Paulo: Contexto, 2013. ISBN 9788572443807.
- PIMENTA, Selma Garrido e ANASTASIOU, Léa das Graças C. e CAVALLET, Valdo José. Docência no ensino superior: construindo caminhos. Revista de Educação CEAP, v. 10, n. 36, p. 103-113, 2002 Tradução. Acesso em: 06 abr. 2026.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro. Estágio e docência. (Coleção docência em formação: ensino superior). São Paulo: Cortez Editora, 2018. E-book.  
Disponível em <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788524926457> Acesso em: 06 abr. 2026.
- TONINI, Ivaine Maria et al. O livro didático de Geografia e suas potencialidades. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.



TONINI, Ivaine Maria; GOULART, Ligia Beatriz. Ensino de Geografia: práticas e reflexões. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

UBERTI, Luciane. Planejamento docente e prática pedagógica. Porto Alegre: Mediação, 2018.

PROCEMPA. Bairro Azenha: Observatório da Cidade de Porto Alegre. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre, [s.d.]. Disponível em:

[https://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu\\_doc/](https://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/)

[bairro\\_azenha\\_oficial1.pdf](#). Acesso em: 6 abr. 2026.

